

Prospectando qualidades relacionais na educação em Design através da quilt-terapia

Cayley Guimarães (UTFPR, Brasil)
cayleyg@utfpr.edu.br

Frederick Marinus Constant Van Amstel (UTFPR, Brasil)
vanamstel@utfpr.edu.br

Prospectando qualidades relacionais na educação em Design através da quilt-terapia

Resumo: A pandemia COVID-19 alterou profundamente a saúde mental e bem-estar dos estudantes de forma geral. No caso de estudantes de Design, o isolamento impediu o desenvolvimento de habilidades relacionais, que emergem nos pontos de uso e são fundamentais para o exercício pleno da cidadania e da profissão. O retorno às aulas presenciais acrescentou outras incertezas, inseguranças e medos, que agravaram problemas relacionados à negação da possibilidade de ser entre outros seres, ou seja, de interser. Este estudo explora a estética relacional da quilt-terapia como forma de reconstrução do interser entre estudantes de Design. A análise de uma colcha de retalhos sobre a experiência de sobreviver a uma pandemia revela qualidades relacionais historicamente negligenciada na Educação em Design, tais como empatia, confiança e cuidado, todas relacionadas ao interser. A apreciação de tais qualidades permite vislumbrar formas mais plurais de educar e se educar em Design.

Palavras-chave: Educação em Design, Quilt-terapia, Design Prospectivo.

Emerging issues on literature about design policies

Abstract: *The COVID-19 pandemic deeply altered the well-being and mental health of humanity. People were forced to isolate, stay at home, to interactions mediated by virtual environments. The return to in-person classes was traumatic, full of uncertainties and fears compound with stress, anxiety, decline of well-being and, most importantly, negation of Being. This study explores the relational aesthetics of quilt-therapy as a means for reconstruction of the being among Design students. The making of a quilt of pieces that reflect the experience of surviving the pandemic reveal qualities that are historically neglected in Design Education, such as empathy, trust and care.*

Keywords: *Design Education, Quilt aesthetics, Design and Well-being.*

1. Introdução

A pandemia COVID-19, os mecanismos criados para a sua mitigação e as ações necessárias para sobrevivência à doença relacionada geraram impactos globais cujos escopo e escala não encontram precedente na história humana recente. Praticamente todos os sobreviventes da pandemia tiveram seu bem-estar comprometido por problemas biológicos e mentais. Infelizmente, muitos desses problemas continuam existindo alguns anos após o ponto mais preocupante da pandemia (WANG, MARKERT e SASANGO HAR, 2021; KHANNA e JONES, 2021; GILSBACH, HERPETZ-DAHLMANN e KONRAD, 2021; KELLER et al., 2022; LI, 2023).

Segundo a secretaria da oms (Organização Mundial de Saúde - World Health Organization) (WHO, 2022), a saúde mental é um estado de bem-estar que permite que as pessoas realizem seu potencial de ser em conjunto com outros seres humanos, ou seja, um estado que permite lidar com estresse, aprendizagem, trabalho e tomada de decisões. Esse tipo de bem-estar não significa ausência de sofrimento mental, mas sim a capacidade de lidar com o mesmo. A pandemia, por exemplo, é considerada como um sofrimento que muitas pessoas não conseguiram ainda superar, enfim, é um trauma coletivo (NEGRI et al., 2023).

Diversas pesquisas buscaram mitigar o impacto da pandemia na saúde mental dos estudantes através de abordagens pontuais. Li (2023), por exemplo, faz uma revisão de uso de tecnologias digitais para melhoria de bem-estar e saúde mental após a pandemia. Teleterapia, saúde móvel, intervenções via web entre outras formas de tratamento são as mais citadas nesses estudos.

Em larga medida, esses estudos restringem o papel da comunidade acadêmica ao de mero indicador do sistema de saúde (SHAPIRO, LEVINE e KAY, 2020) ou como um contexto para intervenções mediadas por tecnologias (WANG, MARKERT e SASANGO HAR, 2021; VIARDOT, BREM e NYLUND, 2023). Se por um lado as tecnologias auxiliam na conectividade e na realização de atividades impedidas durante a pandemia, por outro lado, as tecnologias também aumentaram a insegurança, stress e ansiedade (SARANGI et al., 2022). Estudos como esse propõe soluções digitais individualizadas para problemas de natureza social, que pertencem ao domínio da Saúde Coletiva e da Educação, nem sempre considerados. A limitação principal de tais estudos é avaliar a qualidade mediadora da tecnologia por uma perspectiva objetificante que exclui seu papel relacional entre o mundo material e o mundo humano (MISA, 1992). A tecnologia é considerada na sua eficácia, eficiência, custo ou facilidade de uso, mas não em suas qualidades relacionais, isto é, nas qualidades que se tornam evidentes apenas quando faz parte de um mundo de seres que se relacionam.

Em um cenário em que estudantes experimentam impaciência, relações fragilizadas, aumento no comportamento agressivo, baixo rendimento no processo de aprendizagem, aumento de faltas às aulas por motivos associados à saúde mental, dentre outros, as qualidades relacionais precisam ser priorizadas na avaliação de tecnologias educacionais. Segundo a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2022), a falta desse tipo de qualidade é detrimental para que o ser humano possa experienciar toda a sua potencialidade, o *ser mais* que é historicamente negado pela opressão (Freire, 1972).

Até o presente momento, não há estudos específicos sobre como cultivar qualidades relacionais na Educação em Design, porém, existem estudos sobre como cultivar tais qualidades na prospecção de transições em sistemas sociotécnicos (Van Amstel, Botter e Guimarães, 2022). Nessa toada, o Design Prospectivo trata o ser humano como um ser dependente de vários outros seres e, por isso mesmo, melhor definido como um *interser*. Conforme Daniel Wahl (2020, p. 136) observa, “a palavra *interser* descreve uma mudança de percepção de si e do outro que mora no centro de cocriar culturas humanas regenerativas e uma presença sustentável dos humanos na Terra”. O desafio primordial que se coloca para o Design Prospectivo é desenvolver uma percepção e uma expressão estética do *interser*. Para isso, o Design Prospectivo recorre ao conceito de qualidades relacionais desenvolvido por Cipolla e Manzini (2009).

Um dos principais impactos da COVID-19 é a dificuldade de perceber as qualidades relacionais cultivadas por *interseres*. A disseminação de informações falsas não é apenas um problema técnico, mas uma doença do *interser* coletivo que é a sociedade conectada por tecnologias digitais: a infodemia (PELANDA e VAN AMSTEL, 2021). A pandemia tornou visível uma série de relações fundamentais para a existência do ser humano que estavam invisíveis nas infraestruturas automatizadas do cotidiano. Realizar um estudo sobre qualidades relacionais na Educação em Design no momento de retorno às aulas é uma oportunidade para contribuir não só para este campo, mas também para o Design Prospectivo e outras estéticas relacionais. Embora hajam estudos que destaquem a necessidade de incrementar práticas relacionais no campo do Design (ALMEIDA et al., 2019), não há estudos empíricos que destaquem o papel das qualidades relacionais no *interser* do Design.

O presente estudo busca preencher essa lacuna a partir de experimentos pedagógicos conduzidos pelo primeiro autor como parte da disciplina de Semiótica do Curso de Bacharelado em Design, ofertada em uma universidade federal pública de uma grande capital do país em 2022. Os experimentos começaram quando o primeiro autor percebeu múltiplas dificuldades para executar o planejamento pedagógico típico. A estudantada estava,

de uma maneira geral, ansiosa, dispersa, desmotivada, estressada, irritada, desafiadora. As atividades propostas não eram realizadas. Os atritos entre seus colegas eram frequentes.

Em um primeiro momento, o primeiro autor alterou a sua prática pedagógica e adotou a quilt-terapia como abordagem para criar um ambiente em que os estressores da pandemia fossem dissipados e ao mesmo tempo trabalhar a percepção estética de qualidades relacionais. A proposta foi feita para as quatro (04) turmas, tendo sido aceita por três (03) delas. Na turma que não aceitou a proposta, outras atividades foram realizadas, cujo teor fogem ao escopo deste relato.

Considerando a estética quilt, que é, pela sua natureza, colaborativa, artística e projetual (MENEGUCCI, MARTINS e MENEZES, 2016), foi levantada a seguinte questão: que qualidades relacionais os estudantes estão sentindo falta e, ao mesmo tempo, estão precisando para realizar o seu *interser*?

A palavra quilt provém do latim *culcita*, uma espécie de coberta. O quilt pode servir como lazer (cuja feitura é por puro prazer), como exercício e também como um produto de valor comercial. Takiguchi et al. (2022) indicam que a participação em atividades de lazer promovem o bem-estar e a saúde mental. A feitura do quilt também é considerada terapêutica, pois permite refletir sobre o feito do próprio *interser* (MAINARDI, 1982; DICKIE, 2011a; DICKIE 2011b). Neste estudo, o processo de feitura durou três semanas e culminou na costura coletiva das peças criadas por cada participante. As peças continham representações de sentimentos, objetos, desejos, lugares etc., que proporcionassem uma ou várias qualidades relacionais. Este artigo apresenta alguns conceitos teóricos, o processo de feitura dos quilts e os depoimentos de alguns estudantes que foram questionados sobre os possíveis efeitos terapêuticos da atividade. O objetivo é destacar o papel das qualidades relacionais no projeto de ser em conjunto, o chamado *interser*.

2. Impacto da pandemia COVID-19 sobre o Ensino Superior

Durante a pandemia, a comunidade acadêmica foi exposta a grandes desgastes frutos de medidas emergenciais (KELLER et al., 2022; CHARLES et al., 2013). mas das medidas de contenção da pandemia foi a suspensão das aulas presenciais, que passaram a ser online, mediadas por tecnologias digitais. Em seguida elas voltaram na modalidade remota, mediada por computador — uma situação que aumentou a solidão, a ansiedade e a depressão. Medidas de afastamento social criaram um afastamento de colegas e professoras, diminuição de interações sociais, falta de oportunidade de criação de laços, entre outras formas de exercer as atividades cotidianas.

Dentre os principais fatores estressores desse momento, podemos citar os de estilo de vida (distanciamento social, convivência forçada etc.), os organizacionais (as aulas passaram a ser mediadas por computador), os financeiros (dificuldades de manter ou achar emprego), os sociais (falta de contato pessoal presencial) e, claro, os ambientais (sair de casa representava um risco de morte). Na pesquisa de Hamouche (2020), as principais fontes de preocupação foram: a percepção de falta de segurança e risco de contágio, a obesidade, o desconhecido, a quarentena e o confinamento, o estigma e a exclusão social e as inseguranças financeiras.

Aksunger et al. (2023) apontam um aumento de prevalência de depressão de mais de 25% em países de baixa renda — um número expressivo que não encontra a devida atenção nos estudos científicos. Outros estudos, como o de Dale et al. (2023) corroboram estes achados ao apontarem sintomas severos negativos de bem-estar, depressão, ansiedade, insônia (MEAKLIM et al., 2021), qualidade de sono e de vida. Brausch, Whitfield e Clapham (2023) notaram um aumento nos casos de hospitalização, abuso de substâncias tóxicas e pensamentos suicidas durante a pandemia. Foti (2023) diz que os transtornos causados pela pandemia equiparam-se aos Transtornos de Estresse Pós-Traumático. Um dos fatores apontados em seu estudo é a falta de apoio de colegas. Os jovens confidenciam mais com seus pares do que com profissionais, porém, com a interrupção do contato, eles não tiveram com quem compartilhar suas angústias (KUTCHER, WEI e CONIGLIO, 2016; MÜLLER, DELAHUNTY e MATZ, 2023).

As instituições agravaram os problemas (COLIZZI et al, 2023; FOSTER et al, 2023). A imprensa tradicional não fez seu papel investigativo e de informação, o que abriu espaço para a divulgação de mitos, mentiras e desinformação por meio de redes sociais, a chamada infodemia (PELANDA e VAN AMSTEL, 2021). Alguns governos minimizaram as mortes e as taxas de transmissão; divulgaram mentiras em relação às vacinas. A ciência teve problemas iniciais na determinação das formas de transmissão e infecção; mas a ciência agiu de forma cooperativa e rápida na criação da vacina (VAN AMSTEL, GUIMARÃES e BOTTER, 2021). Neste quadro, as medidas tomadas eram incoerentes, incertas, o que aumentou a insegurança quanto à segurança individual e coletiva. As interações eram feitas sempre com receio, e as comunicações eram, via de regra, mediadas por sistemas computacionais. O aumento de problemas de bem-estar e saúde mental foi uma decorrência deste caos que instalou-se.

Embora múltiplas pessoas jovens tenham facilidade de manter interações sociais online (POZZA et al., 2023), Nia e Jia (2023) dizem que as interações pessoais (ou seja, presenciais, sem a mediação de sistemas) são cruciais para

melhorar e manter o bem-estar, a saúde mental e física. Por exemplo, em relação ao trabalho, Yao et al. (2023) reportam que o uso excessivo de tecnologia pós-pandemia pode ter aumentado a procrastinação.

A transição que ocorreu pós-pandemia, com a volta das aulas presenciais não se deu sem os seus medos e problemas. Por exemplo, as pessoas saíram da proteção de suas casas para ambientes em que estão expostas a agressões, riscos, insultos, discriminação, ataques pelo fato de usar ou não a máscara, entre outros.

3. Percebendo qualidades relacionais no Design

Van Amstel, Botter e Guimarães (2022) apresentam o Design Prospectivo como uma abordagem que valoriza as qualidades que surgem das relações que constituem o *interser*. Entendida como uma estética relacional (BOURRIAUD, 2021), muda-se o foco das qualidades intrínsecas do ser para as qualidades relacionais do *interser*. Segundo Van Amstel (2019), para além do conceito comumente difundido que associa estética a algum valor de beleza de um artefato, a estética não está restrita a um objeto (uma vez que a beleza é por nós atribuída). Sendo assim, são possíveis múltiplas estéticas na maneira como as coisas (artefatos, pessoas, atores etc.) relacionam-se. “Quando a qualidade relevante muda da coisa para a relação entre coisas, temos então uma estética relacional.” (VAN AMSTEL, 2019). Para o autor, embora sejam mais difíceis de serem evidenciadas, as qualidades relacionais são mais duradouras e valiosas do que as qualidades isoladas.

A estética relacional, ao problematizar para além do artefato, provê um quadro teórico a partir do qual pode-se buscar novas ideias que permitam mudanças em estilos de vida, em que valores, crenças e culturas são respeitadas. A partir das qualidades relacionais, pode-se reivindicar direitos e criar políticas de Saúde Coletiva e Educação mais adequadas.

Neste estudo foi desenvolvida uma estética de quilt-terapia para promover as qualidades relacionais consideradas importantes para a reconstrução do *interser*. Estas “qualidades-em-uso” caracterizam uma estética dinâmica que se manifesta nas interações ao longo do tempo (EHN e LOWGREN, 1997). Desde as suas primeiras materializações, quando, por necessidade e escassez, retalhos eram unidos em colcha-unidade para forrar materiais isolantes contra o frio, tais como lãs, penas e outros, o Quilt tem estas características de união, de acolhimento, de calor humano. Ou seja, em um segundo momento, o quilt tornou-se colcha-arte, privilegiando os padrões de grupos semelhantes.

Atualmente, o quilt veste-se de significados outros além do colcha-quilt. Presentes em múltiplas configurações sociais, temos que o colcha-quilt

adquiriu significações condizentes com o propósito de sua criação, como o quilt-comunidade, o quilt-acolhimento, o quilt-celebração, o quilt-história, o quilt-união, dentre outras possibilidades (MAINARDI, 1982; TORSNEY e ELSLEY, 1994; BLAIR e MICHEL, 2007; DICKIE, 2011a; DICKIE, 2011b; HOWELL e PIERCE, 2011).

Podemos, então, falar da estética do quilt-terapia: sua natureza mesmo de reunir “retalhos” por meio de ações de costura, remendos, busca formar uma unidade. Este processo, colaborativo, proporciona o ambiente em que qualidades relacionais emergem na expressão estética. Berkenbroc-Rosito *et al.* (2021), por exemplo, utilizaram uma metodologia análoga à de confecção de um quilt para formar professores, e construir a identidade de ensino da pessoa. Para as autoras, a feitura envolve o entendimento do interser — ao narrar a sua história, a pessoa reflete sobre si, seu lugar no mundo e suas relações com este mundo. Já Patricia Polacco (1988) conta a história de um quilt feito por uma família de imigrantes para ajudar a lembrar as origens, e trazer para perto as pessoas lá deixadas. O quilt era o símbolo de amor e fé para a família.

Em um outro estudo, Dickie (2011a, 2011b) elenca as diversas aprendizagens que ocorrem na feitura de um quilt: aprender a técnica, as ferramentas, a estética; aprender a reconhecer-se como membro da cultura que faz quilt, que a pessoa é uma fazedora de quilt e aprender a participar. Na Saúde Pública, Blair e Michel (2007) apresentam o Quilt Memorial da AIDS, que marca a vida e morte de milhares de pessoas, além de representar centenas de milhares de outras pessoas que não são nomeadas explicitamente, provendo assim espaços para múltiplas formas de rituais para lembrar os mortos.

Mainardi (1982) mostra a importância utilitária do quilt, e acrescenta a este dimensões artísticas, políticas, pessoais, religiosas, abstratas etc. A autora afirma que as mulheres tinham essa liberdade de criar nos quilts uma vez que o trabalho não era mesmo considerado arte. No entanto, Blair e Michel (2007) apontam que o quilt não se restringe à hierarquia mãe-filha de transmissão, mas seguia sim uma abordagem de inclusão para além desta hierarquia. Dickie (2011a, 2011b) elenca os benefícios terapêuticos da práxis, do fazer, focando na feitura de quilts. Para a autora, a terapia refere-se à maneira como a feitura dos quilts-terapia foi usada para lidar com situações difíceis ou para proporcionar sensações de bem estar.

Busca-se, portanto, na estética do quilt-terapia, a reconstrução do interser, do propósito, da amizade, dos elementos que trazem valores de companheirismo e afeto. Esta estética permite que o interser se reconheça livremente. Para Witzling (2009), a estética quilt-terapia tem o potencial de transformar fragmentos em unidades, em outras palavras, seres em interseres.

4. Metodologia

A pesquisa teve caráter exploratório, usando de conceitos de Semiótica e quilt-terapia para criar um ambiente seguro, acolhedor, que promovesse a aproximação, a conversa e a criação de laços. Enquanto um experimento pedagógico, a proposta de trabalhar com a estética quilt foi feita com a intenção de promover reflexões pessoais e em grupo, discussões, conversas motivacionais, compartilhamento de histórias, troca de informações, cooperação em atividade, seguindo de perto a proposta de Ni e Jia (2023).

Enquanto um experimento de design, esta é uma pesquisa através do design, ou seja, feita através do design (FRANKEL e RACINE, 2010). Nesse tipo de pesquisa, o desenvolvimento do projeto é a forma epistemológica mesma que produz conhecimentos que podem vir a ser generalizados a partir da reflexão-na-ação (REDSTRÖM, 2017; KOSKINEN et al, 2011; SCHÖN, 2009). Desta forma, a feitura dos quilts é o meio da pesquisa, valorizado pelo caráter prospectivo adotado neste trabalho. O resultado, que envolve a reflexão sobre todo o projeto, da ideia inicial ao produto final, foi identificar as qualidades relacionais que possam ser cultivadas na Educação em Design.

Podemos esquematizar o processo adotado como a seguir:

I - Identificação dos fragmentos resultantes dos estressores da pandemia e da volta às aulas na estudantada

II - Discussão geral de formas de reconstrução do interser

III - Discussão geral de como significar o bem-estar e a saúde mental

IV - Discussão da estética relacional do quilt-terapia

V - Discussão de como a estética relacional do quilt-terapia pode ressignificar o bem-estar e a saúde mental

VI - Produção das peças individuais

VII - Produção dos quilts

Os estudantes ficaram surpresos e empolgados em realizar uma atividade artesanal dentro de uma disciplina de teoria. Esta empolgação cresceu na medida em que os mesmos foram compreendendo o potencial terapêutico do quilt. O fazer coletivo se tornou um momento de reflexão, crescimento, acolhimento, lazer, suporte e apoio.

As peças criadas em grupo e que seriam posteriormente incorporadas ao quilt-terapia do grupo eram signos do estado desejado, e/ou das ações que poderiam levar ao estado desejado, das atividades que tornaram-se possíveis com a volta das aulas presenciais, do encontro com o outro, com o outro etc. A incorporação destas peças deu-se por meio da costura das mesmas em colchas de retalhos. O momento da celebração, do entendimento do processo de reconstrução do interser, simbolizado pela estética da quilt-terapia, foi uma forma de pensar pelo fazer.. O desenho produzido por

um dos estudantes a partir do diálogo com o educador (Figura 1) sintetiza a proposta estética: “Sejamos guarda-chuva, um misto de proteção, acolhida e conforto, mas também disposição para ir lá enfrentar o que for necessário”.

O tema principal foi definido como “Bem-estar e Saúde Mental Pós-Pandemia”. Cada grupo de estudantes escolheu um sub-tema: memórias, sentimentos, atividades possíveis com o encontro presencial. Em sua maioria, as peças foram otimistas, prospectando relações possíveis em um presente alternativo. A partir dessas peças individuais, as turmas foram convidadas a costurar quilts que tivessem aderência ao tema principal.

A participação era voluntária e os grupos adotaram a prática de autogestão para se organizar. Os sub-temas variaram entre os problemas que enfrentaram durante a pandemia; as qualidades de uso das tecnologias cotidianas; atividades que puderam fazer uma vez que as aulas voltaram a ser presenciais, dentre outros.



FIGURA 1. Síntese visual da proposta estética da quilt-terapia. Fonte: os autores.

O planejamento da costura dos quilts foi realizado de forma desestruturada, tal como o estado em que ainda nos encontrávamos: unidos, porém, ainda procurando retomar as relações e interações cotidianas.



FIGURA 2. Quilt-terapia desestruturado. Fonte: os autores.

A estética quilt permite a costura alinhavada, solta, reproduzindo um possível estado de não-totalidade, usando peças que significam a reconstrução do interser a partir das experiências fragmentadas que a vida proporciona. O primeiro experimento coletivo foi um quilt memorial, que serviu como um processo de aprendizagem (DICKIE, 2011b) sobre as ferramentas e linguagens disponíveis para os demais quilts produzidos.

Após a criação do quilt memorial, os grupos trabalharam na confecção dos quilts finais. Foram projetados 10 quilts no total, cada um contendo, em média, 14 peças. O processo de montagem dos quilts demandou capacidades de articulação e negociação para escolher qual peça deveria estar mais próxima da outra (Figura 3).

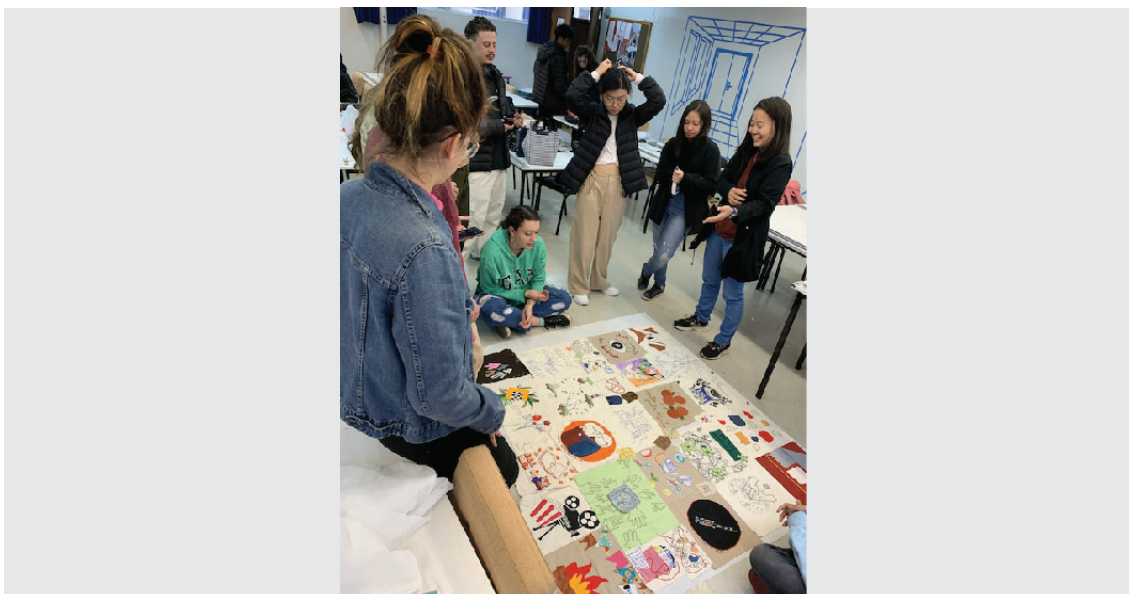


FIGURA 3. Quilt-terapia montagem em grupo. Fonte: os autores.

5. Resultados alcançados

Cada peça tem a sua história semiótica, sobretudo porque elas eram representações do interser que as produziu, e, portanto, carregavam consigo o contexto, as interações, as condições de produção e as escolhas feitas embutidas em signos. Cada peça podia ter sido produzida pelo estudante sozinho ou com a ajuda de colegas. Ela podia ter sido levada para casa e feita com a ajuda de familiares, quiçá retomando laços afetivos perdidos. A peça podia ter sido motivo de discussão em grupo, cujo apoio tenha sido fundamental na sua realização. Estas considerações estão aqui colocadas como um ponto para lembrar do papel da participação, da colaboração, e do grau de reflexão que cada interser colocou na peça. Sendo assim, podemos considerar que a peça também fala por si mesma.

As peças da Figura 4 funcionaram como um sistema de significações de empatia e cuidado, enfim, o amor, seja ele fraterno ou romântico. As peças comunicam um desejo de aproximação, de criação de laços; e falam do retorno do encontro com a natureza. Elas comunicam a vontade de re-plantar o jardim para que as borboletas venham, como diz a vox populi. A ligação da natureza com a saúde voltou a ganhar destaque durante a pandemia, quando percebeu-se que o comportamento extrativista da sociedade foi uma das causas da mesma.



FIGURA 4. Quilt-terapia Retorno à natureza saudável. Fonte: os autores.

A estudentada elogiou a proposta como sendo uma “forma divertida” e “terapêutica” de aprender a semiótica. Foi comentado que “nunca haviam imaginado o uso do Design para projetos de bem-estar e saúde mental”. Em seguida, os quilts foram apresentados e discutidos. A figura 5 apresenta um dos quilt-terapia apresentado:

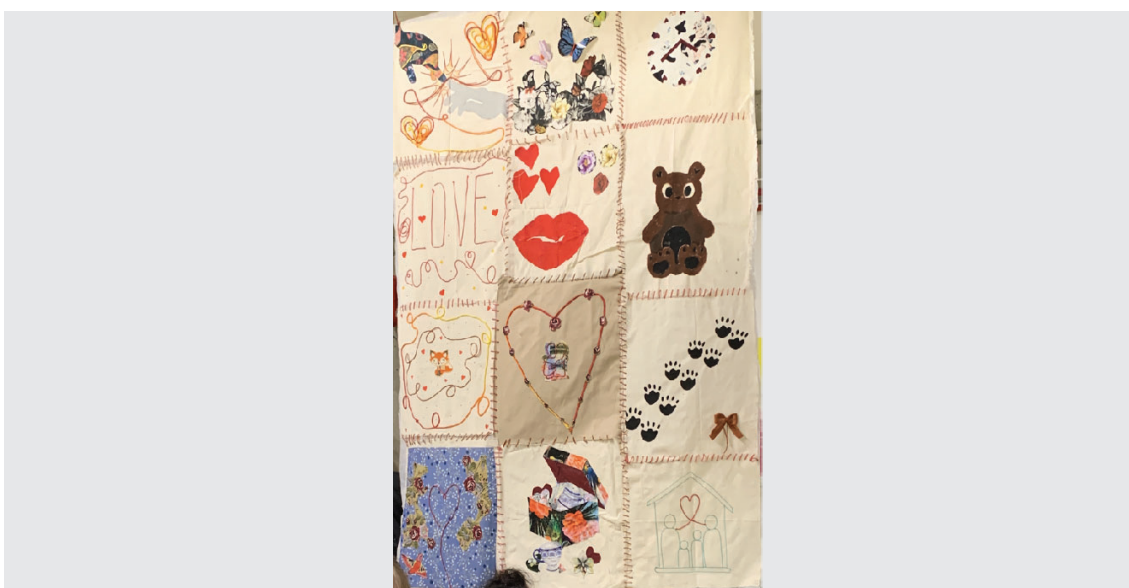


FIGURA 5. Quilt-terapia - Cuidando dos afetos. Fonte: os autores.

As peças acima são um apanhado do total de peças produzidas. Buscou-se representar a estética quilt-terapia e as múltiplas representações da estudantada serviram para enriquecer o processo de reconstrução do interser. Na próxima sessão, será apresentada uma análise dos quilts sobre as qualidades relacionais sentidas e representadas durante e depois do processo de feitura.

6. Qualidades relacionais encontradas

Ao final dos trabalhos, a estudantada foi convidada, de maneira anônima e consentida, a responder um questionário. Neste foram feitas perguntas com respostas livres e múltipla escolha. O questionário ficou no ar por uma semana e obteve 13 respostas. A seguir destacamos alguns trechos selecionados das respostas livres para a pergunta: “Como a feitura das peças ajudou a melhorar o seu estado de descontração”. Estes trechos foram classificados, para efeitos pedagógicos e terapêuticos em categorias para as pessoas que venham a ler este manuscrito (Quadro 1).

Quadro 1. Respostas selecionadas do questionário pós-experimento

Trechos de respostas à pergunta sobre o estado de descontração	Qualidade relacional que emergiu no texto
Conversa com colegas”, “trabalho em grupo”; “interação e apoio de colegas”; “união”; “descontração	ambiente pedagógico de projeto para laços
“relaxamento”; “eliminou estresse”, “distração de problemas”	ambiente pedagógico de projeto acolhedor
“Diversão”, “legal e divertido”; “aplicação de semiótica na criação artística e de bem-estar”	ambiente pedagógico de projeto descontraído
“foi transformador”; “estava mal e fiquei bem”; “muito bom ir para as aulas fazer algo terapêutico”; “interação com amigos”	ambiente pedagógico de projeto para bem-estar e saúde mental

Fonte: Os autores

Podemos ver pelas respostas que o processo de design do quilt foi considerado descontraído e divertido. O trabalho manual trouxe relaxamento e distração dos problemas imediatos do cotidiano. O trabalho em grupo favoreceu a criação e fortalecimento de laços de amizade em um ambiente seguro e de apoio e união. Várias respostas referiam-se à qualidade transformadora para o bem-estar e saúde mental. A aplicação de conceitos de Semiótica ajudaram na representação de sentimentos e desejos para o bem-estar e a saúde mental. A seguir, apresentam-se respostas para a pergunta:

“Como a feitura dos quilts ajudou a melhorar o seu estado de bem-estar e saúde mental” (Quadro 2):

Quadro 2. Respostas selecionadas do questionário pós-experimento

Trechos de respostas às pergunta sobre bem-estar e saúde mental	Qualidade relacional que emergiu no texto
"o processo de fazer o quilt uniu o grupo"; "reforcei minha amizade com as pessoas que conhecia apenas pelo computador"; "alegria"; "companheirismo"	ambiente pedagógico de projeto para laços
"nunca havia imaginado o uso do design para projetar algo para o bem-esta e a saúde mental"	ambiente pedagógico de projeto acolhedor
"nunca havia costurado antes e fiquei muito feliz"; "costurar é divertido"; "arte sempre proporciona bem-estar e satisfação"; "tranquilidade"	ambiente pedagógico de projeto descontraído
"esquecer os problemas"; "deu um quentinho no coração"; "foi um alívio ter algo relaxante"; "diminuiu a depressão"	ambiente pedagógico de projeto para bem-estar e saúde mental

Fonte: os autores.

Vimos que a quilt-terapia reforçou as qualidades de laços de amizade, tranquilidade, diversão e bem-estar. Interação e apoio de colegas, união, descontração e ambiente seguro favoreceram os laços de amizade considerando o bem-estar e a saúde mental. O processo foi considerado “transformador”, e “terapêutico”. Múltiplas respostas apontam para um projeto de final de disciplina que elimina o estresse — em oposição aos trabalhos realizados em outras disciplinas.

O projeto uniu o grupo, oportunizando o conhecimento presencial de pessoas que somente eram conhecidas virtualmente. O quilt, considerado como arte, trouxe satisfação e diversão, fazendo a pessoa respondente esquecer-se de problemas. Alívio, relaxamento, diminuição de estresse foram apontados. Um dos estudantes relatou que “nunca havia imaginado o uso do Design como terapia para bem-estar e saúde mental». Distração foi a qualidade mais mencionada, seguida por conversas, troca de informações, expressar sentimentos, redução do estresse e conhecer melhor as pessoas.

Observa-se que estas qualidades relacionais são propícias à criação de um ambiente fomentador de combate a fatores estressores, o que pode levar a uma melhoria no bem-estar e na saúde mental. A montagem do quilt proporcionou conversas, seguido pela qualidade relacional de conhecer melhor as pessoas. Em seguida temos confidências, distração, entretenimento e um pouco mais atrás a redução do estresse. Essas diversas qualidades encontradas foram trianguladas com uma seleção assistemática de literatura em Saúde

Pública, Psicologia e Educação. Com base nessa literatura, a diversidade de qualidades foi reduzida para três qualidades principais, que conseguem capturar de maneira mais universal a experiência concreta dos estudantes.

Empatia: É comum pensar em empatia como sendo a capacidade de entender o outro, seus sentimentos e emoções, pelo referencial do outro. Reddy (2023) expande este conceito para abranger o ser e o outro e denomina de openness (“abertura”), valorizando tanto o entender como se fosse o outro, quanto considerar a ação de ir ao encontro do outro. Desta maneira, Reddy (2023) diz que as raízes da intersubjetividade são amplas na nossa maneira de ser, ver e relacionar-se com o mundo. Ferguson e Wimmer (2023) complementam que a habilidade de distinguir entre o interser e o outro ser é importante para múltiplos processos cognitivos, e indicam o uso da imaginação para a promoção da empatia.

Confiança: A psicologia define confiança como sendo a intenção de aceitar um certo grau de vulnerabilidade baseado na expectativa de intenções e comportamentos do outro. Isto inclui uma aceitação do Ser e do outro em suas capacidades de serem pessoas em que se possa depender, em cuja competência pode-se confiar (LEGOOD et al., 2022, p. 1).

Cuidado: Cuidado é a ação de cuidar (preservar, guardar, conservar, apoiar, tomar conta). O cuidado implica ajudar os outros, tentar promover o seu bem-estar e evitar que sofram de algum mal. Foucault retoma os filósofos clássicos para nos dizer que ao ser humano foi-lhe confiado o cuidado de si também (FOUCAULT, 2006). Garcia (2004) amplia o conceito ao trazer elementos de satisfação de necessidades vitais. Para o autor, o cuidado ético pressupõe a interação e o contato moral entre seres. A ética do cuidado tem por base o entendimento de que o mundo é uma rede de relações na qual estamos imersos, com responsabilidade tanto para o Ser quanto para o outro.

7. Considerações

As consequências negativas para o bem-estar e a saúde mental dos estudantes de Design foram devastadoras. Múltiplos fatores estressores, com ampla variação de graus de impactos representam desafios que os estudos indicam ainda vão perdurar por algum tempo. Diversas são as estratégias para mitigar esse impacto.

Aqui constatou-se que a quilt-terapia ressignificou e visibilizou as qualidades relacionais de empatia, de confiança e do cuidar, essenciais para a reconstrução do interser. Este trabalho reverteu um quadro de estresse, estranhamento, medo, inseguranças entre outros estressores que a estudante apresentava no retorno à aula presencial. Ao abordar diversos estressores, o processo contribuiu com a formação de laços afetivos e de amizade,

conversas distraídas, suporte de grupo, empatia, confiança e a qualidade do cuidar.

A formação de designers por meio da estética relacional da quilt-terapia trouxe uma nova dimensão ao Design Prospectivo enquanto uma abordagem para a produção de conhecimentos sobre o interser, sobre o ser humano em suas relações vitais. Considerando que o mundo atual apresenta carências de qualidades relacionais causadas por contradições em sistemas sócio-técnicos, pretendemos experimentar no futuro a quilt-terapia para elicitare novos desejos, sonhos e futuros para a construção de um mundo melhor.

Podemos, pelo resultado, concluir por uma hipótese, a ser melhor investigada, de que projetos que cultivam qualidades relacionais possuem um potencial de promoção do autoconhecimento, autocuidado e autogestão no âmbito do interser, ou seja, no ser com os outros..

Referências

BAKSUNGER, N. et al. (2023). COVID-19 and mental health in 8 low- and middle-income countries: a prospective cohort study. **PLoS Med** 20(04):e1004081; 1–22.

ALMEIDA, Ana Julia Melo et al. Por práticas relacionais no design. **Arcos Design**, v. 12, n. 1, p. 5-24, 2019.

BERKENBROCK-ROSITO, M. M.; de SOUZA, J. P. P. e SOUZA, S. B. (2021). “Quilt”, aesthetic experience and autobiographical narrative: future teachers and the art of listening. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, 29 (113), 1024–1044.

BLAIR, C. e MICHEL, N. (2007). The AIDS Memorial Quilt and the Contemporary Culture of Public Commemoration. **Rhetoric and Public Affairs**. 10 (4). 595–626.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. Adriana Hidalgo Editora, 2021

BRAUSHCH, A. M.; WHITFIELD, M.; CLAPHAM, R. B. (2023). Comparisons of mental health symptoms, treatment access, and self-harm behaviors in rural adolescents before and during the COVID-19 pandemic. **European Child and Adolescent Psychiatry**. 32, 1051–1060.

CIPOLLA, Carla; MANZINI, Ezio. Relational services. **Knowledge, Technology & Policy**, v. 22, p. 45-50, 2009.

- CHARLES, S. T. et al. (2013). The wear and tear of daily stressors on mental health. **Psychological Science**. 24 (5). 733–741.
- COLIZZI, M. et al. (2023). Mental health symptoms one year after acute COVID-19 infection: prevalence and risk factors. **Revista de Psiquiatria y Salud Mental**. 16(1), 38–46.
- DALE, R. et al. (2023). Mental health burden of high school students, and suggestions for psychosocial support, 1.5 years into the COVID-19 pandemic in Austria. **European Child and Adolescent Psychiatry**, 32, 1015–1024.
- DICKIE, V. A., (2011a). Experiencing Therapy through doing: making quilts. **OTJR**. 31 (4). 209–215.
- DICKIE, V. A., (2011b). The role of learning in Quilt making. **Journal of Occupational Science**. 10 (3). 120–129.
- ECO, U. (1997). **Semiotica e filosofia del linguaggio**. Torino: Giulio Einaudi editore. 282 p.
- EHN, E. e LOWGREN, J. (1997) Ch. 12 Design for quality-in-use: human-computer interaction meets information systems development. In Marting G. Helander, Thomas K. Landauer, Prasad V. Prabhu, **Handbook of Human-Computer Interaction**. North-Holland, 299—313.
- FERGUSON, H. J. e WIMMER, L. (2023). A psychological exploration of empathy. ch.3. 60–77. In: Francesca Mezzenzana e Daniela Peluso (eds.). **Conversations on Empathy: interdisciplinary perspectives on imagination and radical othering**. New York, NY: Routledge. 2023. 297 p.
- FOSTER, S. et al. (2023). Perceived stress, coping strategies, and mental health status among adolescents during the COVID-19 pandemic in Switzerland: a longitudinal study. **European Child and Adolescent Psychiatry**. 32, 937–949.
- FOTI, G. et al. (2023). The relationship between occupational stress, mental health and COVID-19-related stress: mediation analysis results. **Adm. Sci.**, 13 (4): 116.
- FOUCAULT, M. (2006) 3rd ed. **Histoire de la sexualité**. 3. Le souci de soi. Paris: Editions Gallimard.

FRANKEL, Lois; RACINE, Martin. The complex field of research: For design, through design, and about design. In: Proceedings of the Design Research Society (**DRS**) international conference . 2010.

FREIRE, P. (1972). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GARCIA, A. A. (2004). **La ética del cuidado**. *Aquichan*. 4 (1). 30–39.

GILSBACH, S; HERPERTZ-DAHLMANN, B; KONRAD, K. (2021) Psychological impact of the COVID-19 pandemic on children and adolescents with and without mental disorders. **Front Public Health** 6:679041.

HAMOUCHE, S. (2020). COVID-19 and employees' mental health: stressors, moderators and agenda for organizational actions. **Emerald Open Research**. 2020 Apr 20;2:15. doi: 10.35241/emeraldopenres.13550.1. PMID: PMC7342058.

HOWELL, D. e PIERCE, D. (2011). Exploring the forgotten restorative dimensions of occupation: Quilting and quilt use. **Journal of Occupational Science**, 7 (2). 68–72.

KELLER, F. M. et al. (2022). Distress, loneliness, and mental health during the COVID-19 pandemic: test of the extension of the evolutionary theory of loneliness. **Applied Psychology**. 15 (1). 24–48.

KHANNA, A. e JONES, G. B. (2021) Envisioning Post-pandemic Digital Neurological, **Psychiatric and Mental Health Care**. *Front. Digit. Health* 3:803315.

KOSKINEN, Ilpo et al. (2011). **Design research through practice: From the lab, field, and showroom**. Elsevier, 2011.

KUTCHER, S.; WEI, Y.; CONIGLIO, C. (2016) Mental health literacy: past, present, and future. **Can J Psychiatry** 61:154–158.

LEGOOD, A. et al. (2022). A critical review of the conceptualization, operationalization, and empirical literature on cognition-based and affect-based trust. **Journal of Management Studies**. 60 (2). 495–537.

LI, J. (2023). Digital technologies for mental health improvements in the COVID-19 pandemic: a scoping review. **BMC Public Health**, 23, article number 413.

MAINARDI, P. (1982). Quilts: the great American art. 17 p. In: Norma Broude (Ed.) (1982). **Feminism and art history**. New York: Routledge. 372 p.

MEAKLIM, H. et al. (2021). Pre-existing and post-pandemic insomnia symptoms are associated with high levels of stress, anxiety, and depression globally during the COVID-19 pandemic. **J Clin Sleep Med**.

MENEGUCCI, F., MARTINS, E. e MENEZES, M. S. (2016). Design de superfície têxtil: um estudo sobre o conhecimento geométrico presente nos Freedom Quilts. **ModaPalavra e-periódico**, n. 18, pp. 71--95.

MISA, Thomas J. Theories of technological change: parameters and purposes. **Science, technology, & human values**, v. 17, n. 1, p. 3-12, 1992.

MÜLLER, S. R.; DELAHUNTY F.; & MATZ, S. C. (2023). The impact of the early stages of COVID-19 on mental health in the United States, Germany, and the United Kingdom. **Journal of Personality and Social Psychology**, 124(3), 620–639.

NEGRI, A. et. al. (2023). Psychological Factors Explaining the COVID-19 Pandemic Impact on Mental Health: The Role of Meaning, Beliefs, and Perceptions of Vulnerability and Mortality. **Behavioral Sciences**. 13 (2). 162.

NI, Y. e JIA, F. (2023). Promoting positive social interactions: recommendation for a post-pandemic school-based intervention for social anxiety. **Children**, 10(3), 491.

PELANDA, M. F. L. e VAN AMSTEL, F. M. C. (2021). A fumaça digital: inversão infraestrutural do COVID-19 pela perspectiva Yanomani. International **Journal of Engineering, Social Justice, and Peace**. 8 (1). 61–77.

POLACCO, P. (1988). **The Keeping Quilt**. London: Simon & Schuster. 32p.

POZZA, A. et al. (2023). Mobile Opportunity against stress: open study protocol on the effectiveness of a mobile platform for stress self-management in the post-pandemic era. **Front. Psychol.**, v. 13.

REDDY, V. (2023). Being open and looking on: Fluctuations in everyday life and Psychology. ch.2. 34–59. In: Francesca Mezzenzana e Daniela Peluso (eds.). **Conversations on Empathy: interdisciplinary perspectives**

on imagination and radical othering. New York, NY: Routledge. 2023. 297 p.

REDSTRÖM, Johan. **Making design theory** . MIT Press, 2017.

SARANGI, A. et al. 2022) Social Media Reinvented: Can Social Media Help Tackle the Post-Pandemic Mental Health Onslaught?. *Cureus* 14(1): e21070. DOI 10.7759/cureus.21070

SHAPIRO, E., LEVINE, L., & KAY, A. (2020). Mental health stressors in Israel during the coronavirus pandemic. *Psychological Trauma. Theory, Research, Practice, and Policy*, 12(5), 499–501.

SCHÖN, Donald A. (2009). **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Penso Editora.

TAKIGUCHI, Y. et al. (2022). The relationship between leisure activities and mental health: the impact of resilience and COVID-19. **Applied Psychology: Health and Well-Being**. 1–19.

TORSNEY, C. B. e ELSLEY, J. (Eds.) (1994). **Quilt Culture: tracing the pattern**. Missouri: University of Missouri. 216p.

VAN AMSTEL, F. M. C. ; GUIMARÃES, C. ; BOTTER, F. (2021). Prospecting a systemic design space for pandemic responses. **STRATEGIC DESIGN RESEARCH JOURNAL**, v. 14, p. 66-80, 2021.

VAN AMSTEL, F. M. C. (2019). **Prospectando qualidades relacionais**. Blog Usabilidoido. Acessado em 10/07/2023. Disponível em: http://www.usabilidoido.com.br/prospectando_qualidades_relacionais.htm

VIARDOT, E.; BREM, A. e NYLUND, P. A. (2023). Post-pandemic implications for crisis innovation: a technological innovation view. **Technological Forecasting & Social Change**. 194.

WAHL, Daniel Christian. **Design de culturas regenerativas**. Bambual Editora LTDA, 2020.

WANG, X.; MARKERT, C.; SASANGO HAR, F. (2021). Investigating popular mental health mobile applications downloads and activity during the COVID-19 pandemic. **HFES**. 65 (1), 50–61.

WHO (2020) Doing what matters in times of stress: an illustrated guide. Geneva: World Health Organization; 2020. **Licence:** CC BY-NC-SA 3.0 IGO.

WHO (2022). **Mental Health**. Disponível em <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>
Acesso em 30/06/2023.

WITZLING, M. (2009). Quilt language: towards a poetics of quilting.
Women's History Review. 18 (4). 619–637.

YAO, S. et al. (2023). Excessive technology use in the post-pandemic context: how work connectivity behavior increases procrastination at work. *Information, Technology & People*. Vol. ahead-of-print No. ahead-of-print. <https://doi.org/10.1108/ITP-08-2022-0573>

Como referenciar

GUIMARÃES, Cayley. AMSTEL Frederick Marinus Constant Van. Prospectando qualidades relacionais na educação em Design através da quilt-terapia. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, pp. 190 - 211, jan./2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2024.77916>



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.

Recebido em 20/07/2023 | Aceito em 30/11/2023